



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios Tupi AM/FM e Nativa FM

Rio de Janeiro-RJ, 06 de abril de 2010

Jornalista: Nós temos o prazer e a honra de, mais uma vez, poder conversar com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Presidente, muito obrigado pela gentileza de dispor desses minutos preciosos, na sua estada aqui no Rio de Janeiro, para conversar conosco.

Bom dia, Presidente.

Presidente: Bom dia, Barbosa.

Jornalista: Presidente, o senhor chega num momento difícil para o Rio de Janeiro: muita chuva, mortes, gente que não conseguiu sair do lugar, gente que não conseguiu voltar para casa, gente que está presa nos mais variados locais do Rio. Quando acontece uma coisa dessas, que luz se acende numa cidade como o Rio de Janeiro? Que luz se acende na Presidência da República, Presidente?

Presidente: Olha, deixe-me dizer uma coisa. Ontem, eu, quando saí de Brasília, eu vinha para o aeroporto Santos Dumont. No meio do caminho nós recebemos a notícia de que não era possível pousar no Santos Dumont, nós fomos para o Galeão. E quando eu cheguei ao hotel, eu comecei a acompanhar pela televisão. Bom, o que nós temos que entender é o seguinte. A Humanidade não consegue controlar os efeitos das intempéries. Todos nós estamos preparados para uma determinada quantidade de horas de chuva, para uma densidade de chuvas. Quando chove 14 ou 15 horas de forma torrencial, como tem chovido, causa transtornos, eu diria, quase irrecuperáveis



para a sociedade, para o estado e para a cidade.

Eu estava vendo, agora pela manhã, a orientação de que as pessoas deveriam ficar em casa, para evitar mais incidentes, mais acidentes, mais transtornos. E eu acho correto. Agora, é só importante que se crie um pacto de solidariedade enquanto estiver chovendo muito, ou seja, as pessoas que não podem trabalhar, que tenham a compreensão dos seus empregadores de não descontar o dia, porque um trabalhador que trabalha por hora, ele tem... além de perder o dia, ele perde o domingo, ou seja, ele perde dois dias. O mensalista perde apenas o dia que faltou. Ora, se a pessoa não foi trabalhar porque não quis... eu acho que é importante que haja essa solidariedade, é correto que as pessoas não fiquem transitando nas ruas em uma situação, eu diria, em que a polícia precisa trabalhar, os bombeiros precisam trabalhar, a Defesa Civil precisa trabalhar. De qualquer forma, a única coisa que a gente pode fazer num momento como este, Barbosa, é pedir a Deus que pare um pouco a chuva para as coisas melhorarem e voltarem à normalidade. Veja, eu ia... eu vim ao Rio de Janeiro porque eu ia ao Complexo do Alemão inaugurar uma unidade médica de pronto atendimento e ia inaugurar um centro de desenvolvimento infantil, que até levava o nome da minha mãe, iria inaugurar a Clínica da Família e o Centro Comercial Itararé, e depois a urbanização do entorno.

Nós estamos trabalhando junto com o governador, junto com o prefeito Eduardo Paes, fortemente, no Complexo do Alemão, em Manguinhos, em Pavão-Pavãozinho, na perspectiva de fazer um processo de reparação naquilo que foi um desmando administrativo deste país, há 40 anos, quando se permitiu que o povo morasse de forma desordenada na beira de córregos, nas encostas de morros, ou seja, construindo todo esse conjunto inadequado de moradia, que vive uma parte da população brasileira. E nesse momento, a única coisa que a gente pode fazer – eu estava acompanhando pela televisão agora de manhã – tem carro quase que coberto d'água, ou seja, uma parte da



avenida Brasil, não entra e nem sai. Neste momento é só pedir a Deus que estanque um pouco essa chuva, para o Rio voltar à normalidade e a gente poder continuar ajudando a reconstruir o Rio de Janeiro, do jeito que o Rio precisa ser reconstruído.

Jornalista: O senhor não fazer vai esses inaugurações então, hoje?

Presidente: Bem, eu não vou, eu não vou poder ir ao Complexo do Alemão. Primeiro, porque não dá para andar de carro no comboio. Segundo, de helicóptero não dá para ir. Eu vou ter que marcar outra data. Mas eu também, eu vim ao Rio de Janeiro, porque nós temos hoje uma reunião com o BNDES, para discutir o programa de desenvolvimento produtivo que nós lançamos há dois anos, e o BNDES vai fazer uma exposição para a Presidência, o estado da arte, como é que está hoje. E depois também, entregar a Medalha de Ouro para os meninos que participaram da Olimpíadas da Matemática. Você sabe que nós fizemos, Barbosa, uma Olimpíada da Matemática... Em 2004, e nós tínhamos apenas 274 mil alunos que participavam da Olimpíada da Matemática no Brasil. Quase todos oriundos de escolas particulares. Nós resolvemos fazer Olimpíada da Matemática nas escolas públicas, tinha gente que dizia que não havia interesse, que não iria despertar interesse. Sabe quantas crianças se inscreveram em 2009?

Jornalista: Não... Quantas?

Presidente: Dezenove milhões e trezentas mil crianças e adolescentes. Desses nós distribuimos medalha de ouro, medalha de prata e medalha de bronze. Na verdade a gente vai descobrindo... uma parte desses jovens que são verdadeiros gênios. Então, nós, nós damos bolsas de estudo para esses primeiros colocados para eles continuarem estudando. Eles vão ganhar...



alguns vão ganhar computadores, é uma coisa que é uma revolução e depois nós já fizemos a de Português e agora vamos fazer a de Ciências também, que é para despeitar, e fazer a boa provocação para as crianças sentirem o prazer de estudar e frequentar as escolas.

Jornalista: Então seria...

Presidente: ...seria um dia muito cheio no Rio de Janeiro. Lamentavelmente, por conta da chuva, nós... ainda não pude nem encontrar o governador Sérgio Cabral, não pude encontrar o Eduardo Paes ainda. Em algum momento nós vamos nos encontrar. Eu espero que não em uma rua muito alagada, numa rua seca.

Jornalista: Por falar em provocação (incompreensível), deixa eu começar as minhas aqui: PAC 1 e PAC 2. Um não terminou, o outro está começando... Eu sei que muitas das coisas vão ficar para um próximo governo, por que é impossível realizar tantos...há muitas realizações. Mas o que que o senhor vai realizar para o Rio de Janeiro? O que que o Rio de Janeiro pode esperar, até dezembro, até a hora do Presidente tirar as suas merecidas férias da Presidência da República, o senhor vai realizar aqui para o nosso estado, para a nossa cidade?

Presidente: Ô Barbosa (falha no áudio) ... a ministra Dilma apresentar o PAC 2, e depois eu vi alguns comentários dizendo: É, mas tem muita coisa que era do PAC 1. Obviamente que tem muita coisa que é do PAC 1, e quando você apresentar o PAC 3, você pode ter uma obra do PAC 1 que ainda não terminou. Eu vou te dar um exemplo: quando nós colocamos a ferrovia norte-sul, que liga Açailândia, no Maranhão, até Anápolis, nós temos apenas 215 Km de estrada pronta. A gente terminar, e vamos terminar este ano, até Anápolis,



ou seja, nós vamos fazer quase 1.500 Km de ferrovia. Mas o que nós já incluímos no PAC 1 que vai continuar para o PAC 2? É trazer a ferrovia de Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo para ligar o porto de Itaquí, no Maranhão, com o porto de Santos. Ora, então é uma obra que vai levar mais três, quatro anos.

Quando a gente colocou o PAC...o TAV, que é o trem de alta velocidade Rio de Janeiro-São Paulo, São Paulo-Rio de Janeiro, no PAC 1, é porque quando você decide, você tem que começar a encomendar um projeto, um projeto básico, um projeto executivo, depois você tem que começar a discutir o processo de licitação. Então nós levamos dois anos para fazer isso. Agora, ele vai entrar no processo de licitação e ele, nós pretendemos que uma parte dele termine até 2014 e que a outra parte fique para frente. Mas é assim mesmo, o que você vai terminar no ano que você começou são pequenas obras, mas obras estruturantes... Vamos pegar o Comperj, aqui no Rio de Janeiro, o Comperj, no Rio de Janeiro, é uma obra de grande envergadura, uma obra que vamos levar anos para fazer, anos. Nós estamos há dois anos só fazendo terraplanagem. Eu fui esses dias, lá, com o governador, é uma imensidão de máquinas trabalhando...sabe que... aquilo vai gerar quase 30 mil empregos no auge da construção e vai levar tempo. Então está no PAC 1, está no PAC 2, e, se não terminar, entra um pouco no PAC 3.

Jornalista: Mas o senhor é cidadão brasileiro, o senhor passa por isso, o povo do Rio de Janeiro não é diferente, se “pela” de medo da descontinuidade das obras. O que acontece: acabar o governo, está tudo pendurado e pendurado fica, porque quem chega vai tratar dos seus negócios, das suas pretensões, dos seus projetos. O que nos garante... o que pode afiançar que essas obras são obras que vão durar esse tempo, três, quatro anos?

Presidente: Eu vou te garantir qual é a novidade. Por que eu fiz o PAC 2? Eu



poderia ter deixado o PAC 2 para quem ganhasse as eleições, eu não precisaria fazer. Por que é que eu fiz? Por uma questão de responsabilidade. O PAC 2 não é um conjunto de obras pensado pelo Presidente da República. É um conjunto de obras, que até o mês de junho, vai ser acordado com os governadores e com os prefeitos. Os prefeitos ainda terão mandatos até 2012 e muitos governadores são candidatos à reeleição. Então, as obras não são obras pensadas apenas pelo governo federal. São obras pensada em conjunto entre governo federal, governo estadual e governo municipal e, portanto, nós esperamos que, com isso, quem ganhar a Presidência tenha o compromisso de respeitar as obras que foram tidas como prioritárias pelo estado e pela prefeitura.

E por que é que nós fizemos o PAC 2 agora? Porque quando você pensa uma obra, a primeira coisa que você faz é começar a fazer um projeto e o projeto, às vezes, leva tempo. Às vezes leva um ano para fazer um projeto, às vezes até mais. E depois você precisa começar o processo de legalização, licenciamento prévio. Então, o que eu quis deixar, na verdade, foi uma carteira de propostas prontas para quem entrar não ter que começar do zero como eu comecei em 2003, ou seja, o cara já vai pegar a bola rolando, o cara já vai pegar a bola na marca do pênalti. Obviamente que quem for eleito tem o direito de dizer: “Tudo isso aqui que o Lula propôs não vale nada. Eu vou inventar outra obra”. Ele pode fazer isso. Se ele fizer isso, ele estará jogando meio mandato fora. Se ele for esperto, ele vai dizer: “Já tem dinheiro no Orçamento, já tem projeto, já tem licença, é só licitar e começar”. Quem ganha com isso? O povo brasileiro, o povo do Rio e o povo de cada cidade. É por isso que nós apresentamos o PAC 2 agora.

Nós estamos fazendo neste momento, Barbosa, quase seis mil quilômetros de ferrovias, coisa inusitada neste país, porque tinham sido jogadas fora as ferrovias. Nós estamos fazendo. Você sabe que o Brasil não produz mais um metro de trilho. A gente importa trilho da Polônia, a gente



importa trilho da Itália, a gente importa trilho da China. Um país que tem a primeira ou a segunda mineradora do mundo, um país que tem usinas de aço modernas, siderúrgicas altamente modernas, precisa importar trilho porque nós não produzimos mais, porque foi desmontada a indústria brasileira. Você está lembrado o que era a indústria naval aqui no Rio de Janeiro. Ela tinha praticamente acabado. Hoje, graças a Deus, nós já estamos com mais de 50 mil trabalhadores na indústria naval brasileira. Além dos estaleiros do Rio de Janeiro, estaleiro no Rio Grande do Sul, estaleiro em Pernambuco, vai ter estaleiro na Bahia, porque nós vamos, definitivamente, fazer do Brasil um grande pólo de produção da indústria naval.

Jornalista: O senhor tem um novo governo: dez ministros novos, ministros em postos... importantíssimos postos, como todo e qualquer ministro é, mas há alguns em que o senhor tem que ter confiança plena porque vão estar tocando coisas importantes para a infraestrutura brasileira. O senhor tem uma campanha eleitoral que o senhor já disse que abraçou e que vai ter de fazer nas suas horas vagas, ou seja, acaba o seu expediente... como se o expediente do Presidente acabasse às 18h. Não sei como é que vai ser isso aí, mas acaba o expediente, pega o seu avião e vai para onde quer que seja. Não sei a que horas o senhor vai dormir, vai jantar, dona Marisa vai ter marido só em 2011. Eu não sei como é que o senhor vai fazer, mas tem aí, também, uma campanha eleitoral. Como é que... E faltam muitos meses. Nós estamos em abril, o seu governo acaba em dezembro. Vai dar para ser presidente como o senhor gosta de ser presidente, acompanhando tudo, para ser um homem de campanha eleitoral? O senhor sabe o que é uma campanha eleitoral por este Brasil afora. O Brasil não é pequeno, o senhor conhece bem. Vai dar para fazer tudo como o senhor quer e deseja, com excelência, Presidente? Como é que vai... É milagre? Como é que é isso?



Presidente: Olha, primeiro, a questão dos ministros. Eu tomei uma decisão de manter a equipe que estava trabalhando porque... Veja, não é justo, num time de futebol, tem um titular e tem o reserva. Aquele reserva vai no banco todos os dias, treina. Ele fica na expectativa de que vai surgir a chance dele. Aí o titular se machuca, na hora em que você vai colocar, você compra outro e coloca no lugar e deixa o coitado que estava lá esperando há muito tempo na reserva, você destrói a carreira profissional de uma pessoa.

Então, o que eu fiz? No fundo, no fundo, os secretários-executivos, na maioria dos casos, são tocadores de obras nos ministérios. Então o que eu tomei de decisão foi o seguinte: manter aquele que já sabe o funcionamento da máquina, aquele que não vai estranhar quem é o chefe de gabinete, aquele que não vai estranhar o diretor no estado, aquele que não vai estranhar o governador, aquele que não vai estranhar o prefeito, ou seja, colocar alguém que já sabia.

Ontem eu fiz uma reunião ministerial, Barbosa, e a palavra de ordem ontem era a seguinte: nós temos nove meses para trabalhar mais do que trabalhamos nesses três anos. É possível? Eu não sei, mas nós temos que trabalhar. Por quê? Porque nós temos muitas obras perto de inaugurar, muitas obras em que nós investimos muito, e cada ministro, daqui para frente, tem que construir a sua biografia, a sua carreira profissional, então ele tem que mostrar serviço. Eu até citei o exemplo do jogo Brasil e Chile, em 1962, quando o Pelé se machucou, que entrou o Amarildo e todo mundo “Ah, não vai dar nada”, e daqui a pouco o Garrincha e o Amarildo fizeram a gente ganhar a Copa do Mundo. Então, eu disse para eles: vocês têm nove meses. É o tempo de nascer uma criança. Entre conceber e nascer, dá exatamente nove meses. Portanto, é um tempo enorme que vocês precisam provar competência. Então, nós vamos trabalhar e eu vou fiscalizar muito mais.

A segunda coisa que eu disse para eles é que... obviamente que nós vamos ter que trabalhar, fazer campanha. Mas a prioridade minha, com



responsabilidade por este país, é ser presidente da República e fazer o que o presidente tem que fazer: governar o Brasil. Eu tenho que governar o Brasil. Isso é minha prioridade, é minha obrigação. Eu sou muito agradecido ao povo brasileiro por ter me eleito presidente da República, então eu não posso, agora, deixar a Presidência em segundo plano para fazer campanha. Não, não vou deixar.

Agora, eu tenho sábado, eu tenho domingo, eu tenho dias à noite, depois das 8, depois das 9, que eu posso fazer campanha, e obviamente que eu vou sempre estar de olho que o principal para mim é manter o Brasil funcionando, manter a governança do Brasil e fazer as coisas acontecerem neste país. A boa governança nossa é o melhor cabo eleitoral para um candidato. Então nós vamos trabalhar isso com muito carinho.

Ontem nós distribuimos um livro na reunião dos ministérios, orientando a cada ministro o procedimento: não pode ter abuso do poder econômico, não pode ter... É preciso que a gente seja, definitivamente, republicano neste país, que a gente passe para a sociedade a ideia de que é possível você ajudar um candidato, você participar de um processo eleitoral sem você utilizar a máquina como sempre se usou neste país para beneficiar um ou outro candidato.

Jornalista: E é possível fazer isso, Presidente?

Presidente: É possível. Aliás, é um teste. É um teste importante para a democracia.

Jornalista: O senhor já foi multado duas vezes. Parece que a visão da Justiça não está sendo a mesma...

Presidente: É, eu sei.



Jornalista: ...que o senhor tem a respeito de fazer campanha e governar.

Presidente: Eu não sei qual é a informação que tem. Obviamente que eu vou esperar que os meus advogados defendam. Eu não conheço o teor das multas, eu não li o processo. Mas, por exemplo, a primeira multa que eu tive parece que foi uma multa na inauguração da sede de um sindicato. Portanto, era uma entidade particular, não tinham obras públicas ali. E me parece que eu fui multado porque eu falei que nós íamos ganhar as eleições e a câmera de televisão mostrou a cara da Dilma, que estava lá no palanque. Então, no meu entendimento, quem deveria ser multada era a televisão que me filmou, e não eu. Eu não tenho controle da câmera. Até aqui na nossa frente, o Stuckinha filmando, se eu falar uma coisa aqui e o Stuckinha virar esta câmera e filmar qualquer um dos dois, eu não tenho nenhuma culpa. Mas, de qualquer forma, isso é uma coisa que os advogados vão debater, vão disputar lá. Eu acho que o princípio básico da democracia é a gente respeitar cada instituição. Acho que o Poder Judiciário brasileiro tem um papel importante no garante da democracia neste país, e obviamente que se ele entender que eu sou culpado de alguma coisa, eu, como qualquer ser humano comum, tenho que pagar pelo erro que eu cometi.

Jornalista: Nós estamos conversando com o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, numa entrevista exclusiva Tupi/Nativa, e você acompanha, ao vivo, aqui no Rio de Janeiro. Estamos no Copacabana Palace, na Zona Sul do Rio.

Presidente, outro ponto em que seus opositores pegam no seu pé: política externa. Falam que o senhor é muito simpático com a Venezuela, muito simpático ao Irã, muito simpático a Cuba, que é um projeto com data vencida e que já deveria ter mudado de características. O senhor vai continuar, nesses nove meses que faltam, se empenhando - como o senhor tem se empenhado -



em participar, inclusive no Oriente Médio, da política externa ou o senhor vai botar um pouco o pé no freio dessa história?

Presidente: Ô, Barbosa, mas você poderia ser mais justo comigo, porque eu sou... eu sou amigo do Obama, eu sou amigo do Hu Jintao, eu sou amigo do Medvedev, eu sou amigo do Sarkozy, eu sou amigo da Angela Merkel, eu sou amigo da Cristina Kirchner, eu sou amigo de tanta gente neste mundo. Foi uma coisa que eu aprendi a fazer e uma coisa que fez com que o Brasil ganhasse, eu diria, respeitabilidade no mundo.

Há uma coisa engraçada, não é? Eu lembro, como se fosse hoje, que a primeira viagem que eu fiz a Davos, em 2003, eu só tinha vinte e poucos dias de mandato e, na volta, eu disse ao ministro Celso Amorim: Celso, nós vamos ter que mudar a geografia comercial do mundo. Não, não está correto um país do tamanho do Brasil ficar subordinado muito aos Estados Unidos e à União Europeia. Nós temos que diversificar a nossa relação internacional, a nossa balança comercial, para que a gente não fique dependente de um país ou de um bloco. E aí tomamos a decisão de fortalecer a nossa relação com a América do Sul e a América Latina, porque a gente vivia de costas para a América do Sul e para a América Latina. Depois, nós resolvemos ir para a África, porque o Brasil olhava para a Europa, mas não via a África, passava por cima. Então, nós resolvemos ir para a África. Eu já visitei 29 países africanos e pretendo visitar mais cinco antes de terminar o meu mandato. Depois fomos para o Oriente Médio. Na maioria dos países que eu fui, a começar pelo Líbano, o último mandatário brasileiro a ir lá foi Dom Pedro II, em 1846 ou [184]7... Na Jordânia, ele foi em 1874. Então, nesse mundo globalizado você não pode ficar esperando que as pessoas passem aqui. Você tem que ir atrás, você tem vender, você tem que mostrar seus produtos, você tem que competir. Eu lembro que quando nós fomos a Dubai fazer uma feira, nós gastamos US\$ 500 mil. Alguns setores, no Brasil, trataram como escândalo US\$ 500 mil, mas



ninguém perguntou se a gente vendeu US\$ 50 milhões naquela noite. Você vê, ninguém perguntou. O dado concreto é que o Brasil diversificou a sua balança comercial, nós tínhamos 8 bilhões com o Oriente Médio, hoje temos 20 bilhões. Nós temos um pouquinho... só com a África nós temos mais de 20 bilhões. O maior parceiro comercial nosso, hoje, é a América do Sul e a América Lática, e continuamos crescendo a nossa balança comercial com os Estados Unidos e com a Europa. Temos muito com a China, temos muito com outros países asiáticos, e precisamos crescer mais. Então, eu saí daqui para a Indonésia, que é uma país de 200 milhões de habitantes. “O que o Lula foi fazer na Indonésia?” Eu fui dizer para a Indonésia que o Brasil tem coisas para vender para eles e que o Brasil tem coisas para comprar deles. Porque, se a gente não for, em cada país desses que você chega, a Embaixada americana ocupa dez quarteirões. O Brasil, às vezes, não tem nem Embaixada. Você vai em um país como a Colômbia, a Embaixada americana tem 2 mil funcionários. Você vai em um país importante, a Embaixada do Brasil tem cinco funcionários. Ora, meu caro, se você não estiver competindo, se você não estiver disputando, se você não estiver ali, corpo a corpo, marcando ali, você não vê espaço. E, graças a Deus, nós trabalhamos isso com muita força, e o Brasil hoje tem densidade política, tem respeitabilidade política. Quando eu vou ao Oriente Médio é porque eu tenho que tirar proveito do exemplo de um país em que moram 10 milhões de árabes e descendentes de árabes, moram 200 milhões.. 200 mil judeus em paz e harmonia, no Brasil. Esse exemplo é preciso mostrar para Israel e para os palestinos. Eu, você sabe que eu acho que a paz no Oriente Médio não vai acontecer do jeito que está... que eles querem. Porque, eu já cansei de ver presidente americano apertando a mão de presidente palestino e de presidente de Israel. Ganha o prêmio Nobel da Paz, e no dia seguinte a guerra continua. Por quê? Porque só vai ser resolvido quando você envolver todos os.. todos, todos os interlocutores. Quem é que está conversando com o Hamas? Porque a Autoridade Palestina quer a paz e o Hamas não quer. Quem



é que tem influência no Hamas? É a Síria? Você tem que conversar com a Síria. É o Irã? Então, alguém tem que conversar com o Irã. Ou seja, está faltando alguém para colocar o guizo no pescoço do gato. Não dá para a gente conversar apenas com quem quer conversar com a gente, não dá. É preciso que a gente converse com todo mundo. Então, o Brasil tem boas relações com Cuba, o Brasil tem boas relações com a Venezuela, o Brasil tem boas relações com Israel, o Brasil tem boas relações com a Autoridade Palestina, o Brasil tem boas relações com todos os países. O Irã, o Irã já chegou a importar do Brasil quase US\$ 2 bilhões por ano. Então, o Brasil tem que compreender a importância de um país que tem 80 milhões de habitantes. Não é porque alguém diz para mim: “Ah, fulano de tal não presta”, que eu vou acreditar. Eu quero ver olho no olho, se presta ou se não presta. Ele pode não prestar para o outro, mas pode ser bom para mim. O Brasil não tem que ficar fazendo política internacional porque alguém diz que o Brasil não pode conversar com fulano e beltrano. Esse já foi o tempo, esse em que o Brasil era tratado e se tratava como se fosse de segunda categoria, como se fosse um ser humano inferior, um Estado menor. Eu sou muito humilde, mas eu gosto de respeitar e gosto de ser respeitado.

Jornalista: Vou pegar esse gancho (incompreensível), do senhor falar que é muito humilde. A imprensa, vira e mexe, tira uma casquinha do senhor, e o senhor é muito bem informado, principalmente sobre a grande imprensa. Não só os colunistas, mas os caricaturistas todos fazem o seu (incompreensível) balão, sai uma... A última pesquisa que saiu, de cada... falando dos brasileiros em geral. Não vou enumerar universitários, nem mulheres, nem jovens, nem nada. Sete entre cada dez brasileiros, numa sala, são Lula. Se entrar aqui, tem... “Quem é que vocês gostam como presidente?” “Presidente Lula.” “Quem é que está fazendo um bom mandato?” “Presidente Lula.” Sete em dez brasileiros!



Presidente: Isso, depende da pesquisa que você (incompreensível).

Jornalista: Tem uma ou outra... umas que dão oito e pouco...

Presidente: Tem umas que dão oito e meio, umas que dão nove...

Jornalista: Mas eu fiz aí uma média, uma conta de chegar, o que é um negócio, para segundo governo, oitavo ano de governo, inédito na história do Planeta, eu não diria do Brasil. Ninguém consegue chegar simpático, até pelo próprio desgaste que o poder traz para qualquer mandatário. Chega uma hora em que os caras querem tirar o osso porque é a oportunidade de tirar também. Presidente, o que é que o presidente Lula... se tivesse dois presidentes Lula, se se sentasse um de frente para o outro, diria: "Oito anos, oitavo ano, e eu quero fazer isso. Vou ter que apertar meu povo lá. Vou ter que apertar... pegar o ministro Marcio Fortes, que é das Cidades; pegar o diretor do Banco Central para abrir uma torneirinha especial; falar com o BNDES. Isso eu tenho de fazer antes de ir embora". O que seria que está aí te preocupando, te ocupando, Presidente?

Presidente: Olha, uma coisa...

Jornalista: Que o senhor que pode até não conseguir, mas que te ocupa e preocupa.

Presidente: Ô Barbosa, uma coisa importante que... uma coisa importante que vai acontecer na nossa vida, na minha e na do Marcio, sobretudo, é o seguinte. Eu tenho certeza de que quando eu deixar a Presidência da República, se eu me encontrasse com outro Lula, eu ia ficar, não elogiando o que nós fizemos,



mas lamentando aquilo que eu descobri que poderia ter feito e que não fiz. Se eu, se eu, ao terminar o meu mandato, tiver consciência de que eu não fiz tudo o que poderia ter feito, é melhor para a minha consciência do que se eu passar a achar que eu fiz tudo. É impossível você resolver um problema secular em apenas oito anos de mandato. Mas nós estamos dando passos importantes, e eu acho que essa é a coisa importante: é que nós mudamos o patamar. Quem vier depois de mim sabe que o paradigma mudou: o paradigma da geração de empregos, o paradigma do aumento do salário mínimo, o paradigma para cuidar dos pobres neste país, o paradigma da quantidade de casas que nós estamos fazendo, o paradigma do investimento e saneamento básico, o paradigma da construção de universidades. Mudou tudo! Você imagine, Barbosa... Eu digo... eu não digo com orgulho, porque eu não tenho diploma universitário. Mas eu e o José Alencar somos os únicos que governaram o Brasil, que não têm diploma universitário. O Brasil já teve advogado, professor, sociólogo... sei lá, teve tudo que podia ter. Eu o José Alencar não temos diploma universitário, e eu já sou o presidente da República que mais fez universidades no Brasil e que mais fez escolas técnicas. Parece ironia do destino. Talvez, não porque eu seja melhor do que eles, mas porque eles não pensaram no povo do jeito que eu pensei. Então, eu acho que... eu acho tem que fazer muito mais. Quem vier não vai poder fazer apenas 14 universidades novas ou 105 extensões universitárias. Vai ter que fazer 200 extensões universitárias, vai ter que fazer mais 20 universidades, vai ter que fazer mais 250 escolas técnicas, porque nós precisamos tirar o atraso a que o país foi submetido. Nós não queremos continuar a ser exportadores de soja, de suco de laranja ou de minério de ferro. Nós queremos exportar conhecimento, inteligência. E para isso nós temos que investir na educação. É por isso que eu propus criar o fundo do pré-sal. E a prioridade é investir na educação, para a gente tirar o tanto de anos de atraso. Eu, quando... eu, quando vou... ontem mesmo eu fui me despedir dos dez alunos brasileiros que vão ser... ganharam



bolsa na Universidade de Salamanca. Aí eu fico vendo: a Universidade foi criada em 1218! E você saber que a primeira brasileira foi no século XX! Então, você mostra o atraso a que nós estamos submetidos. Por isso é que nós estamos fazendo muitas universidades e muitas extensões universitárias no interior do país, levando mais doutores para o Nordeste, levando mais médicos, para que a gente torne o Brasil mais igual. Então, eu, se me sentasse na frente do Lula, eu diria: “Olha, Lula, eu comecei a fazer umas coisas, você trate de trabalhar muito mais do que eu e fazer muito mais, porque senão eu vou estar ali, do lado de fora, para pegar no seu pé, tem que trabalhar.”

Jornalista: E por falar em pegar no pé: e o pré-sal? Nós pegamos no seu pé nesse tempo de pré-sal, e continuamos aqui olhando para o senhor, para saber: está do jeito que deve ser, na sua opinião? Essa conversa tem que ser para depois? Como é que é? Deu uma esfriada política, isso a gente não tem dúvida nenhuma, freada de arrumação. Vai ficar assim até o próximo presidente?

Presidente: Barbosa, deixa eu lhe contar uma coisa. Eu espero que o Senado vote essa coisa. O ministro Lobão volta para o Senado e ele é o... era o ministro que propôs o novo marco regulatório, e que a gente faça apenas aquilo que foi acordado entre o governo federal, o governo do Rio de Janeiro e outros governadores (incompreensível). Nós tínhamos um acordo feito, nós tínhamos um acordo.

Jornalista: Não é bom lembrar esse acordo?

Jornalista: Eu acho que tem alguém sem memória, nessa história.

Presidente: Esse acordo, esse acordo, esse acordo garantiu... o fundo



garantiu uma participação para o Rio de Janeiro, respeitada, levando em conta que o Rio é o estado onde está a maior parte desse petróleo, São Paulo, e também distribuir um pouco para os outros estados. Estava todo mundo de acordo. De repente, aparece alguém e resolve fazer uma proposta tirando tudo do Rio de Janeiro, sem levar em conta que o Rio de Janeiro é uma região que já perdeu a capital. Isso explica um pouco a deterioração do Rio de Janeiro. Isso aqui já perdeu a capital, ou seja, não foi pouca coisa. Depois você tinha o estado do Rio de Janeiro, que também acabou... o Estado da Guanabara, que também acabou. Então, essas coisas todas foram tirando... Então, quando surge o pré-sal, obviamente, e é normal que exista, no povo do Rio de Janeiro, um estímulo extraordinário: “Agora é a nossa vez”. Eu, em várias reuniões que eu tive com o companheiro Sérgio Cabral, eu falava: Sérgio, é importante que a gente não perca de vista que nós precisamos utilizar esse petróleo para resolver o problema do Brasil. Então, nós temos que distribuir uma parte para o Brasil inteiro, uma parte para o Rio de Janeiro... E fizemos um acordo, até às três horas da manhã nós discutimos, todo mundo feliz, até que fomos pegos de surpresa com a emenda Ibsen Pinheiro. Eu espero que o Senado resolva isso porque tudo que o Brasil precisa, Barbosa, nesses próximos anos, é de paz e tranquilidade. Eu (incompreensível) olha: se... terminadas as eleições, você vai me ver muitas vezes, e eu jamais darei um palpite sobre o novo governo. Eu acho que cada um que entrar ali, é muita responsabilidade. Cada um tem o direito de fazer aquilo que é compromisso dele, e não cabe ao ex-presidente ficar dando palpite. E vou torcer para que as coisas deem certo, porque o meu sonho final é o seguinte, olhe: nós estamos há sete anos consecutivos gerando empregos (incompreensível). Nós já temos mais de 12 milhões de empregos criados neste país. Só este ano nós vamos criar por volta de 2 milhões de empregos ou mais, quando o mundo inteiro está numa baixa de empregos. Eu quero que o Brasil tenha uma chance. Os homens políticos deste país precisam ter responsabilidade e dar... Deem dez anos consecutivos de



tranquilidade para o país. Se o Brasil tiver alguns anos de tranquilidade, nós vamos chegar às Olimpíadas de 2016 com o Brasil podendo ser a quinta economia do mundo. Não é pouca coisa. Agora, para o Brasil ser a quinta economia do mundo é preciso que o nosso empresário continue ganhando dinheiro, é preciso que a classe média continue se fortalecendo, mas é preciso que a parte pobre vá deixando de ser pobre e vá ascendendo à classe média, para que a gente tenha menos violência, para que a gente tenha menos assalto, para que a gente tenha menos morte, para que a gente tenha a cidade menos deteriorada do que ela é hoje. Eu, quando fico vendo ali, a Rocinha, fico vendo... ali era uma fazenda, ou seja, como é que da década de 50 para cá se permitiu que aquilo virasse uma favela, quando aquilo poderia ser feito de forma adequada, com rua adequada...ser feito um bairro!

Então, Barbosa, eu diria isso ao novo presidente: “Faça mais, trabalhe mais, e cuide dos pobres, porque cuidar dos pobres é muito barato.

Jornalista: Deixa eu pegar essa última parte da nossa conversa, é uma conversa da Tupi e Nativa, exclusiva, com o Presidente da República. Essa parte, a Moniquinha, a nossa companheira, devia estar aqui fazendo, mas ela... a chuva travou a Moniquinha lá em Niterói, e ela mora num lugar gostoso demais, que não é o centro de Niterói, não conseguiu chegar. Para falar de intimidade do Presidente. Nós falamos de paz, falamos de respeito, falamos de família, não é? Quando você fala de um país, você fala de família. E o presidente da República, você imagine, se um ser comum, normal, comum, já é alvo de fofoca, de chacota, de espetadela, o Presidente, então, é o melhor dos alvos do mundo. Como é que é a história de manter, com esse trabalho todo, chegar em casa, e: “Pô, beliscaram o Lulinha hoje; ah, falaram da Marisa: cadê a Marisa, que estava sempre com o Presidente? Sumiu. Cadê... e o Lulinha, o que tem que ficar falando das minorias? ... Lulinha não sabe que é filho do Presidente? Se abrir a boca repercute no Paquistão, rapaz!” Como é que é isso



dentro de casa? Chama todo mundo para a mesa e passa um pito?

Presidente: Não, não, não, não. Barbosa, eu trato... eu trato... eu trato... Eu, graças a Deus, tenho uma relação com a minha família muito saudável, eu tenho uma relação de amigo, de amizade com os meus filhos. É assim que eles me tratam. E a dona Marisa... a dona Marisa viaja comigo há 36 anos, a dona Marisa fez todas as caravanas comigo, de ônibus, de trem, de barco, viajou muito comigo na Presidência. Mas chega uma hora em que cansa, chega uma hora em que as pessoas... Até eu estou cansado, até eu estou cansado de fazer as viagens. Não gosto de pegar avião e ficar andando para cima e para baixo, mas é que tem compromisso! Tem compromisso.

O Brasil ganhou... o Brasil ficou importante. Então, esta semana que vem eu estou recebendo no Brasil o Medvedev, presidente da Rússia; estou recebendo o Hu Jintao, presidente da China, estou recebendo o Primeiro-Ministro da Índia; estou recebendo o Presidente da África do Sul. São duas reuniões importantes dos Brics, que envolvem Brasil, China, Índia e Rússia e o Ibas, que envolve Brasil, Índia e África do Sul. São países extremamente importantes, e eu vou discutir assuntos com eles: eu vou discutir o Irã com eles, eu vou discutir o Oriente Médio com eles, mas vou discutir, sobretudo, a relação entre Brasil e esses países, a nossa relação bilateral. Ainda tenho que viajar à Rússia, ainda tenho que ir ao Catar, ainda tenho que ir ao Irã. Aqui na América do Sul eu não conto, porque nós viajamos muito aqui na América do Sul, por conta do Mercosul e da Unasul. Então...

Jornalista: Que horas que para em casa, Presidente? Quando é que está conseguindo parar em casa para namorar a dona Marisa?

Presidente: Eu costumo chegar em casa por volta das dez horas, às 11 horas da noite.



Jornalista: O senhor está com o aspecto ótimo. O senhor está melhor do que a última vez que eu o vi.

Presidente: No sábado e no domingo... no sábado e no domingo eu tenho... quando eu não estou viajando, eu fico em casa. Gosto de ficar em casa, de pescar, eu e a dona Marisa, sozinhos. Então, eu tenho uma vida tranquila. Eu acho que envolver a família em política, é uma coisa que eu agradeço aos meus filhos, porque eles aprenderam a ser eles mesmos, aprenderam a ser eles mesmos. Não utilizam o meu nome para nada, e isso me dá uma certa tranquilidade. E eu devo isso à dona Marisa, porque se não fosse ela, que tem a responsabilidade... Porque, na verdade, foi a Marisa que educou os meus filhos. Como eu viajei muito a vida inteira, no Sindicato, no PT, quem cuidava da escola era ela, quem cuidava da doença era ela. Então, eu sou muito agradecido ao trabalho que a Marisa fez para cuidar das crianças. Agora estou chegando ao final do mandato, daqui a pouco eu penso que vai ser legal ficar em casa. No dia 2, às 9 horas da manhã, eu estou sentadinho, não tem ninguém para eu xingar, não tem ninguém para pedir nada, ninguém me liga, porque “rei morto, rei posto”, e a dona Marisa vai passar perto de mim: “Levanta o pé, levanta o pé que eu quero fazer...” Aí vai voltar à vida normal. Mas eu sou um homem tranquilo, Barbosa. Eu, graças a Deus, eu... Primeiro, eu sou agradecido a Deus porque eu acho que Ele foi muito generoso comigo. Segundo, a grande parte das coisas que eu vejo o povo sofrer hoje, eu já sofri. Eu, quando vejo uma pessoa dentro d’água até um metro... eu já tive na minha casa um metro e meio, um metro e 30, um metro e 40 [de água]. Eu já saí dando porrada em rato dentro da minha casa à meia-noite, barata, fezes boiando dentro de casa. Tudo isso eu já vivi na minha vida. Então, eu tenho a nítida compreensão do cotidiano de cada cidadão. Eu lembro que eu morava em Santos, uma vez eu fui ao cinema e, quando eu voltei, tinha caído a minha



casa, a parte da cozinha da casa tinha caído. Então, o que o povo sofre, na periferia, eu sofri. Então, é por isso que eu falo: cuidar dessa gente é a coisa mais barata e mais fácil. O Marcio é prova.

Vou te contar uma história. Eu resolvi fazer um grande programa habitacional, e cheguei e falei para a ministra Dilma: Dilma, eu quero fazer um programa habitacional. Eu quero que você faça uma reunião com os empresários, converse com o Ministro das Cidades, que eu quero ver qual é o programa. Aí, a Dilma volta e fala assim para mim: “Presidente, os empresários disseram que podem fazer 200 mil casas.” Eu falei: 200 mil casas não é programa. Eu quero um programa, “o programa”. E aí, foi conversar com o Guido, e tudo, e voltou com 500 mil casas. Eu falei: 500 mil casas não é programa, eu quero “o programa”. Eu quero 1 milhão de casas, porque 1 milhão de casas é um desafio, primeiro, para o governo; segundo, é um desafio para a Caixa Econômica Federal; terceiro, é um desafio para os empresários, porque, veja, nós precisamos colocar essa gente para andar. Então, nós colocamos 1 milhão de casas. E agora, no PAC 2, nós colocamos 2 milhões de casas em quatro anos, e 60% para quem ganha até 3 salários mínimos. Então, as pessoas ficam às vezes invocadas comigo, porque eu tenho coragem de chegar no Complexo do Alemão e dizer: é o seguinte, olha, essas casinhas têm que ter uma varandinha; esses apartamentos têm que ter nem que seja um metro quadrado, de varandinha. Tem coisas que a gente quer fazer e só pode fazer na varandinha. Por que rico tem sacada e pobre não tem uma varandinha de um metro quadrado? O que vai encarecer o apartamento? Então, essa coisa de respeitar o pobre é a minha maior labuta. Então, o Marcio hoje é o ministro das Cidades, e ele coordena o maior programa habitacional já feito neste país. E tudo isso, Barbosa, é como se fosse uma carteira de um escritório de advocacia. O cidadão se forma advogado, ele fica esperando o primeiro cliente, abre um processo, aí vem o segundo cliente, vem o terceiro, vem o quarto, vem o quinto, e ele só vai receber aquele primeiro processo cinco anos depois. Mas,



aí, entra em uma fila em que todo dia tem processo para ele receber. O que nós estamos construindo no Brasil é uma carteira de obras públicas, que não pode parar. Então, todo dia tem que ter um novo programa de casas, todo dia tem que ter um novo investimento em saneamento básico, todo dia tem que ter alguma coisa para que a gente dê trabalho, dê emprego, dê geração de renda e melhore a qualidade de vida das pessoas. Você vai ver, quando eu vier aqui eu vou te convidar, quando eu vier aqui para ir à Baixada Fluminense outra vez, eu quero que você vá comigo, porque nós estamos trazendo muitos investimentos agora, no PAC 2, para a gente poder acabar com o problema das enchentes na Baixada Fluminense, que a gente possa despoluir a Baía da Guanabara. Eu nunca fiz promessa de que ia despoluir, porque eu sempre tive consciência de que a gente não despolui com discurso, a gente despolui com investimento, e nós estamos fazendo isso. O Marcio é um carioca, lamentavelmente torcedor do Fluminense, poderia ser... poderia ser torcedor do meu Vasco, não é...

Jornalista: Marcio Fortes é o ministro das Cidades, que está aqui ao nosso lado, para o nosso prazer e honra, também.

Ministro Marcio Fortes: Presidente, só para acrescentar, (incompreensível) um programa novo... Estamos no Rio, falar do Rio?

Jornalista: Sim.

Ministro Marcio Fortes: Quando o senhor lançou o PAC aqui, lembra lá do Canecão? O senhor falou R\$ 3,9 bilhões para habitação e saneamento. (incompreensível), Barbosa, aqui no Rio de Janeiro, para você ter uma ideia?

Jornalista: Claro.



Ministro Marcio Fortes: 7,2 bilhões (incompreensível) drenagem, (incompreensível), para cuidar dessas inundações e evitar que as pessoas em áreas de risco estejam morrendo. Então, nós temos um cuidado especial muito com saneamento, com habitação em geral, com a drenagem, (incompreensível) qualidade de vida e sobrevivência.

Presidente: Ô Marcio, uma coisa... uma coisa importante, ô Barbosa, uma coisa importante que não aconteceu durante 40 anos é o seguinte: você pega cidades maravilhosas que não têm um metro de tratamento de esgoto. O esgoto era coletado e jogado *in natura* no mar ou nos rios. Drenagem, você quando vai fazer asfalto em uma cidade, em um bairro, você tem que fazer drenagem, você tem que fazer drenagem, as pessoas investiam... Sabe por que, Barbosa? Porque tem um tipo de político que, entre fazer uma drenagem, que é você jogar dinheiro embaixo da terra ou fazer saneamento básico, que é você enterrar manilha – não dá para você colocar o nome da mãe, o nome do pai, o nome da tia, como você coloca numa ponte ou num viaduto –, as pessoas não faziam isso. Sequer a mediocridade da política brasileira se dava conta de que a imagem de uma criança brincando descalça em uma rua limpa, sem esgoto a céu aberto, é muito mais forte do que a placa do [com o] nome da mãe dele ou da tia dele em uma ponte. Ele não se dava... Então, o que nós queremos é criar uma nova cultura. Saneamento básico, água potável, coleta de esgoto, tratamento de esgoto, coleta de lixo, significam o quê? Significam investimento em saúde, em qualidade de vida. E esse é um processo educativo. A dengue, por exemplo... Falar uma coisa da dengue, que eu estou no Rio de Janeiro. A dengue, veja, precisa de muito investimento em saúde, muito investimento em matadores de mosquito, muito investimento naqueles que passam na rua jogando uma fumaça preta lá, tudo isso é importante. Agora, vamos ser francos e claros aqui: se cada cidadão brasileiro, a começar



do presidente da República, não se der conta... se nós, se nós adotarmos a nossa casa e a limpamos direitinho; se todos que adotaram a sua casa adotarem a sua rua; se todos que adotaram a rua adotarem a sua vila; se todos que adotaram a sua vila adotarem o seu bairro, e se em uma época do ano a gente fizer um sistema de mutirão para cuidar da nossa família, do nosso filho, a gente vai acabar com a dengue. Mas se a gente ficar... Mas se a gente ficar achando que a culpa é do prefeito, que a culpa é do governador, que a culpa é do radialista Francisco Barbosa, que a culpa é do Lula, que está lá em Brasília, não vai resolver. A culpa, na verdade, é de todos nós. Eu vi uma vez aqui ao Rio de Janeiro – falando de dengue – o helicóptero mostrou uma piscina, portanto, não é ninguém pobre, com mosquitinho da dengue. Então, é um mutirão de responsabilidade. Ou nós fazemos isso, ou nós fazemos isso, ou todo mês, ou todo ano nós vamos ter no verão esse problema que é sério. É um compromisso com a minha casa, é um compromisso com a minha rua. Vamos pegar todo mundo que mora em uma rua, e vamos sair todo mundo, de casa em casa, vendo o que tem, o que a gente pode limpar, o que pode jogar fora, o que pode... Ou nós fazemos isso ou, sinceramente, nós vamos passar muito tempo, muito tempo para resolver esse problema. E todo ano alguém procurando culpar alguém, todo ano. Aqui no Brasil é assim, a gente resolve o problema transferindo responsabilidade. Quando as coisas estão bem, é tudo na casa da gente, não é? O filho da gente, quando quebra um vaso, não aparece ninguém. Agora, quando tem uma coisa boa, todo mundo fala: “Fui eu.” Também na política é assim, na política é assim. Eu acho que... uma das coisas de que eu gosto muito, Barbosa, é a questão da solidariedade, ou seja, é muito melhor a gente ser bom, é muito melhor. O cidadão que não tem raiva, o cidadão que não consegue guardar mágoa, ele dorme tão bem, ele vive tão bem. Porque, qual é a desgraça da mágoa? É que se eu tiver ódio de você, Barbosa, quem fica sofrendo sou eu, que tenho raiva de você. Você nem sabe! Você não vai ter... você vai comer, almoçar e jantar todos os dias, e eu vou



ficar me remoendo: “Ah, porque eu tenho inveja da audiência do Barbosa, porque eu tenho inveja do salário que ele ganha.” Então, é melhor a gente ser bom, a gente deita toda noite, no travesseiro, e dorme. Eu sou um homem em paz com a minha consciência, eu sou um homem muito tranquilo. Para mim... E os meus adversários ficam nervosos por isso, ficam, porque eles batem, eles às vezes falam coisas que não deveriam ter falado, e o povo vai dando a resposta dele, o povo vai dando a resposta dele, o povo vai dando a resposta dele. E as pessoas vão se dando conta de que acabou o tempo em que o povo não sabia nada, e o formador da opinião pública fazia a cabeça de todo mundo. Hoje, o povo está esperto. Tem uma tal de internet aí, que faz essa molecada viajar para tudo quanto é lugar do mundo, eles estão muito sabidos, estão muito sabidos. Eu vou fazer um ato qualquer, em uma favela qualquer do Brasil, um ato em qualquer acampamento de Sem Terra. Aqueles trabalhadores... trabalhador sabe manusear um telefone celular, que eu não sei. Eu não sei tirar fotografia do meu telefone celular. Eles tiram fotografia, mandam e-mail, mandam torpedos, mandam não sei das quantas, mandam um monte de coisas que eu nunca aprendi a usar, o pessoal usa! Então, não pensem que alguém vai conseguir enganar mais este povo, não. Eu quero que ele seja cada vez mais cobrador. Se o povo não cobrar, o governante não faz. Então, porque o governante gosta de gente que fale bem dele, gosta de gente que se sinta perto dele e começa: “Não, você é o máximo, você é extraordinário!” Você sabe que uma coisa chamada ego, que quando começam a falar bem da gente, eu falo: O (incompreensível) precisa dobrar aqui. Agora, se tem uma coisa, Barbosa, que eu nunca perdi, foi a minha noção de realidade. Eu já, eu já sei, sei muito bem que a vida... eu sei que “rei morto, rei posto”, eu sei quem são os amigos que eu fiz porque eu sou presidente, eu sei quem são os meus verdadeiros amigos, sei de onde eu vim, sei para onde eu vou voltar. Então, eu estou com a minha consciência, eu diria, a minha cabeça está feita, está arrumada.



Jornalista: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, obrigado, em nome da Tupi e da Nativa, por essa entrevista exclusiva. Deus abençoe mais e mais a sua vida e o seu trabalho. E eu tenho aqui uma incumbência, que eu não posso ir embora, senão a Moniquinha me pega. O senhor gosta de Roberto Carlos?

Presidente: Gosto.

Jornalista: Que música o senhor canta, do Roberto Carlos, como ninguém?

Presidente: Ah... A música... a música que eu gosto do Roberto Carlos...

Jornalista: Canta um pedacinho...

Presidente: “Detalhes”. “Detalhes”, eu gosto de “Detalhes” porque... Gosto, também, de “debaixo dos caracóis dos seus cabelos...”

Jornalista: Não quer arriscar um...

Presidente: Eu não vou cantar porque eu sou...Olha, dizer, dizer para os ouvintes da rádio Tupi, aqui, eu sou desafinado até para cantar o Hino da Independência. Então, eu sou melhor para fazer discurso do que para cantar.

Jornalista: Obrigado, Presidente. Deus, Deus fique mais e mais, do que já está, com o senhor, e traga mais sucesso para a sua vida e para o seu trabalho.

Presidente: Um grande abraço, Barbosa. E dizer da minha alegria de poder falar mais uma vez aos microfones da rádio Tupi, porque você sabe que eu



digo todos os dias que eu gosto de dar entrevista na rádio porque ninguém está vendo a minha cara, e em televisão as pessoas ficam vendo o rosto da gente, vêem que a gente não está tão simpático, não está tão... não é tão bonito como... Então, na rádio (incompreensível). Mas o que é importante é que eu acho que a rádio é o melhor instrumento de comunicação. As pessoas falam de televisão, falam de qualquer coisa. Mas o rádio, veja, a pessoa não precisa se sentar no sofá para ficar assistindo. A pessoa pode estar na rua, andando; pode estar no carro, namorando; pode estar em qualquer lugar, é só ligar...

Jornalista: E escutar o Barbosa entrevistar o presidente Lula.

_____ : Isso, (incompreensível) cinco anos...

Presidente: Um grande abraço, querido.

Jornalista: Outro, Presidente. Obrigado. Fiquem com Haroldo de Andrade, na Tupi, e Paulinho Piedade, na Nativa, a partir de agora. Desfaz-se nossa ligação, na entrevista exclusiva com o presidente Lula.

(\$31DHJLP)